

A importância da afetividade na relação professor-aluno na perspectiva dos professores do curso PROEJA/FIC do IF Fluminense *campus* Bom Jesus do Itabapoana

Columbino Teixeira de Oliveira*¹

Resumo

Este artigo discute a questão da afetividade na relação professor-aluno, na perspectiva dos professores do curso do PROEJA-FIC do IF-Fluminense – *campus* Bom Jesus. O trabalho pretende mostrar que a afetividade é essencial no processo de aquisição do conhecimento e da formação integral do aluno. A hipótese do trabalho consiste em defender a ideia de que a qualidade da relação que se estabelece entre ensino e aprendizagem é também de natureza afetiva e depende da qualidade da mediação do professor nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Por isso, é preciso identificar, analisar e descrever a dimensão afetiva no processo de mediação pedagógica do professor, enfocando seus efeitos positivos na relação aluno-objeto de conhecimento em uma sala de aula da modalidade PROEJA-FIC.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Afetividade. Relação Professor-aluno.

Introdução

No tocante à questão da afetividade, pode-se afirmar que é recente a compreensão da importância da dimensão afetiva no processo de ensino e

* Graduado em Zootecnia, UFRRJ

¹ Orientador: Tarso Ferreira Alves

aprendizagem, pois foi somente em décadas anteriores que pesquisadores e estudiosos se interessaram em desenvolver pesquisas nessa área da educação.

Ainda predomina, na escola de hoje, o método tradicional, que procura valorizar apenas a inteligência e o rendimento em sala de aula em detrimento do estado afetivo e social.

Porém, pesquisas recentes na área da Psicologia educacional têm demonstrado a importância da dimensão afetiva, à qual cada vez mais se atribui como uma das causas do baixo rendimento e da evasão no âmbito escolar.

As reflexões deste trabalho pretendem mostrar que a afetividade é essencial para o processo de aquisição do conhecimento e formação integral do aluno no PROEJA/FIC.

A base teórica desta investigação encontra-se na abordagem histórico-cultural e em suas contribuições acerca dos estudos sobre o desenvolvimento humano. Os autores que representam esta concepção, Vygotsky (1998) e Wallon (1979), procuram demonstrar o papel das interações sociais no desenvolvimento humano. Eles defendem a relação entre o ambiente social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos se influenciam e assumem o caráter social da afetividade e a junção da relação entre afetividade e intelectualidade.

Tendo tal escopo teórico como base, a hipótese que se defende é que a qualidade da relação que se estabelece entre ensino e aprendizagem é também de natureza afetiva, e depende da qualidade da mediação do professor nas atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

Por isso, é preciso identificar, analisar e descrever a dimensão afetiva no processo de mediação pedagógica do professor, enfocando seus efeitos positivos na relação aluno-objeto de conhecimento, em uma sala de aula da modalidade PROEJA-FIC.

A ideia de concentrar-se nos efeitos positivos da afetividade vislumbra a necessidade de apontar novas possibilidades de atuação no PROEJA-FIC, ao se pensar como a afetividade pode atuar na formação integral do aluno.

Este artigo se fundamenta teoricamente em: Freire (1980); Almeida (2004); Wallon (1992); Vygotsky (1998), entre outros, como também na pesquisa de campo realizada por meio de questionário constituído de nove perguntas respondidas por um grupo de dez professores do PROEJA-FIC do campus Bom Jesus, sendo três do sexo masculino e os demais do sexo feminino. O propósito foi visualizar as concepções dos docentes em relação à temática exposta.

Afetividade e cognição na concepção de estudiosos da educação

Partindo do princípio de que a *afetividade* e a inteligência são faces de um mesmo objeto, ainda que subjetivos, pode-se afirmar que são interdependentes. Eles estão entrelaçados de tal forma que um se faz constituinte do outro.

Para Codo & Gazzotti (1999),

O conceito de afetividade se constitui em um conjunto de fenômenos psíquicos¹ que se manifestam sob a forma de sentimentos, paixões e emoções, podendo ser acompanhados de dor, prazer, alegria, tristeza, satisfação, insatisfação, agrado e desagrado (CODO & GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Ao longo do seu desenvolvimento, o homem sofre influência do ambiente sociocultural, pois, do início até o fim da vida, os organismos estão sendo constantemente moldados tanto pela hereditariedade como pelo ambiente². Tal afirmação contraria tanto as teorias inatistas, segundo as quais o ser humano já carrega ao nascer as características que desenvolverá ao longo da vida, quanto as empiristas e comportamentais, que veem o homem como um produto dos estímulos externos, fazendo jus às palavras de Vigotsky que diz que, “a formação se dá numa relação dialética entre o sujeito e a sociedade ao seu redor”. Assim, os estudos sobre aprendizagem decorrem da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade.

Existe uma interação entre o homem e o ambiente, de modo que um exerce uma influência sobre o outro. O ambiente modifica o homem e o homem modifica o ambiente. Devido a este processo de interação, pode-se pensar a educação como um ato social que se faz por meio da influência do ambiente no homem e vice-versa.

Ora, se a afetividade diz respeito a uma maneira pela qual o ambiente exerce influência sobre o jovem e o adulto, ela é uma forma de interação que auxilia no processo de construção da aprendizagem.

Segundo Neill, as escolas priorizam a razão em detrimento da emoção, pressupondo um desenvolvimento exclusivo do cognitivo que, por vezes, poderá estar distanciado do afetivo do aluno. Nesse sentido, o professor

¹ O termo *fenômeno psíquico* é utilizado por Codo e Gazzotti, 1999, p. 48-59, para caracterizar a afetividade.

² O termo *o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem* se faz diante dos estudos de Vigotsky sobre aprendizado da compreensão do homem como um ser que se forma em contacto com a sociedade. (Vygotsky, Grande Pensadores – Nova Escola, p.92).

é mais formador de conceitos na mente do aluno, levando à existência de eruditos e, ao mesmo tempo, de analfabetos no campo da afetividade.

Para Neill, deve-se ter

Uma educação galgada numa relação mais aberta entre alunos e professores, que juntos podem decidir regras de conduta. Sendo um método utilizado como remédio para a infelicidade causada pela repressão e pelo sistema de modelos impostos pela sociedade de consumo, pela família e pela educação. Para ele ter sucesso era, em sua opinião, ser capaz de trabalhar com alegria e viver positivamente. É celebre sua afirmação: 'Gostaria antes de ver a escola produzir um varredor de rua feliz do que um erudito neurótico. (NEIL, Alexander S. *Grandes Pensadores. Nova Escola*, p. 77).

A questão é que a escola deve ter a capacidade de formar mentes pensantes, ao mesmo tempo em que deve cuidar também do desenvolvimento afetivo, ou seja, desenvolvimento do homem em seu aspecto afetivo, emocional, empático e humanístico.

Diferentemente dos métodos tradicionais (que priorizam a inteligência e o desempenho em sala de aula), a proposta walloniana põe o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada. A abordagem é sempre a de considerar a pessoa como um todo. Elementos como afetividade, emoções, movimento e espaço físico se encontram num mesmo plano. (WALLON, Henri. *Grandes Pensadores. Nova Escola*, p.74).

Muitos autores (FERNANDEZ, 1991; DANTAS, 1992; FREIRE 1994; CODO & GAZZOTTI, 1999, entre outros) vêm defendendo que o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem. Assim também reza Vygotsky quando diz que educar é um ato social.

Freire ainda explica que a relação entre educador e educando fundamenta-se numa educação problematizadora, na qual ambos os sujeitos crescem em comunhão, aprendendo um com o outro. É uma educação dialética, libertadora, que estimula a criatividade, a reflexão, a humanização, conduzindo o sujeito educando a sua realidade de mundo, pensando por si mesmo, transformando a si e ao mundo.

Segundo Wallon (1992), o homem se constitui em um ser indissociavelmente biológico e social, o que rompe com a visão dualista que separa razão e emoção. Wallon busca então uma compreensão do ser humano na sua totalidade e complexidade, ao contrário da ideia do ser formado apenas de um cérebro. Para Wallon³, o homem se faz diante de um conjunto de três domínios: motor, afetivo e cognitivo, constituindo-se de um amálgama divino que faz do homem um ser dotado de movimentos, cognição e afetividade; com características e relações humanísticas, diferenciando o homem das demais espécies. Estes domínios manifestam-se ao longo do desenvolvimento de maneira que há uma reciprocidade, pois, cada ação do movimento repercute na afetividade e na cognição, cada atitude afetiva também tem repercussão no aparato sensorio-motor e cognição, assim como cada operação cognitiva também reflete na afetividade e no domínio motor.

Assim, na relação professor-aluno, destaca-se a harmonia da mediação dos domínios que constituem um indivíduo, pois, para que ocorra construção e produção de conhecimento, há entre estes, necessariamente, uma interação impregnada de afetividade.

Isto se justifica, partindo do princípio de que a educação é um ato social, fazendo jus às palavras de Vygotsky, “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”; sendo a afetividade constituída de elementos que nos permitem exteriorizar nossos sentimentos de alegria, tristeza e satisfação. Por isso, o ato social é o fenômeno que permite ao homem conhecer a si próprio como também conhecer e interagir com todos aqueles que o cercam. Assim, podemos perceber que a afetividade pode vir a enriquecer ou agregar valor à relação entre professor e aluno do PROEJA/FIC, facilitando o processo de aprendizagem. O desenvolvimento ocorre numa relação de reciprocidade, na qual professor e aluno constroem o conhecimento por meio da vontade, do desejo e da satisfação presentes no ambiente escolar.

A afetividade na relação professor–aluno

Considerando a presença contínua da afetividade nas interações sociais e nos processos de desenvolvimento cognitivo, pressupõe-se que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela

³ Explica a proposta walloniana que o desenvolvimento intelectual deve ser colocado dentro de uma cultura mais humanizada, considerando a pessoa como um todo, no qual os 3 domínios: motor, afetivo e cognitivo estão num mesmo plano.

afetividade em todos os seus aspectos. Desse modo, a afetividade constitui-se como um fator preponderante na determinação da natureza das relações interpessoais que se estabelecem no âmbito escolar, bem como na disposição dos alunos diante do processo de construção do conhecimento.

Vivenciamos um momento no qual a maior parte dos alunos da EJA é contingente de jovens que visualizam, nessa modalidade de ensino, uma oportunidade de estudo, desenvolvimento e qualificação.

Torna-se necessário analisar a Psicogenética de Wallon, na qual podem-se identificar, em cada estágio, os tipos de manifestações afetivas que são predominantes em virtude das necessidades e possibilidades de maturação. No estágio da adolescência, a crise de puberdade rompe a tranquilidade afetiva que caracterizou o estágio categoria, e impõe a necessidade de uma nova definição dos contornos da personalidade. Todo esse processo poderá fazer aflorar nesses jovens tanto questões morais quanto pessoais, vindo a interferir, de certo modo, no seu estado afetivo. Isso leva a pressupor que seja de suma importância trabalhar o estado afetivo dentro dessa modalidade de ensino.

Para Wallon (1992), entre todas as manifestações afetivas, a emoção é a mais importante por ser uma forma de exteriorização da afetividade que evolui, assim como as demais manifestações, sob o impacto das condições sociais. Faz-se presente o papel da cultura na transformação de suas expressões, pois, se de um lado a sociedade especializa os meios de expressão, transformando-os em instrumentos de socialização, por outro, tende a reprimir as expressões emocionais, padronizando uma forma de comportamento aceitável.

Existem certos modelos de comportamento e de atitudes que socialmente são aceitos; outros não. Tais modelos de comportamento e de atitudes entram muitas vezes em conflito com os valores da escola, e faz com que o aluno não se reconheça no ambiente escolar. Ao invés de tomar atitudes impositivas em relação a essa questão, a escola e o professor deveriam trabalhar essas diferenças por meio da afetividade.

Dessa forma, geralmente quando os alunos chegam ao PROEJA-FIC, ainda carregam as marcas do período escolar em que os seus valores estavam em conflito com os valores da escola, de modo a trazer então, consigo, os resquícios dos problemas emocionais daquele período, criando-lhes problemas para que possam aprender melhor.

Conforme Almeida (2004), pode-se afirmar que alguns alunos do PROEJA-FIC enfrentam sérias dificuldades em seu desenvolvimento, que se relacionam com a dimensão afetiva e com a vivência familiar.

Não se podem generalizar as causas do não aprendizado e atribuir responsabilidade apenas ao afetivo, pois “este” não é a única causa das angústias e frustrações dos alunos do PROEJA-FIC.

Porém Almeida (2004) comenta sua importância:

A afetividade faz-se presente no cotidiano escolar. Portanto, em cada momento do processo educativo, deve-se dar atenção a ela, a fim de que se promova o desenvolvimento integral e harmonioso do aluno, e cabe ao professor do PROEJA-FIC observar esse fato e contribuir de forma correta na sua relação com o educando (p.35).

Nesse sentido, a afetividade é desenvolvida a partir das relações sociais, por isso é imprescindível que o professor alie ao conhecimento o crescimento emocional de cada um no processo educativo, que deve ser revestido de carinho e de aceitação das diferenças para uma inclusão responsável.

Segundo Rossine (2001), a afetividade é a única saída para a educação, sendo que a proposta educacional é que o educando, principalmente o do PROEJA-FIC, possa manter uma relação de respeito e afeto com o educador, para garantir seu desenvolvimento intelectual e sua permanência no curso. No entanto, é preciso dar-lhe condições para que seu emocional floresça, se expanda e ganhe espaço, pois a falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem e para a vontade de crescer.

O ato de aprender tem que ser prazeroso em qualquer situação, principalmente na modalidade em questão, pois esses educandos vêm de processos marcados por fracassos afetivos, sociais e de aprendizagem. Sendo assim, essa afirmação salienta o valor da afetividade nos vários aspectos da vida do indivíduo e a importância de transformar o ato pedagógico em um ato de prazer.

É complexo falar da afetividade como um dos caminhos para a aprendizagem, mas de acordo com Paulo Freire (1980), o conhecimento é uma construção conjunta que depende do elo da afetividade. Não se aprende sozinho. Por isso, tanto o aluno quanto o educador tem um papel importante, porque, para esse autor:

No processo de construção do conhecimento, surgem oportunidades de compartilhar experiências, de expressar o respeito mútuo, o companheirismo mediante trocas afetivas, promovendo, assim, a socialização (FREIRE, 1980, p.42).

O educador precisa refletir acerca do ato de ensinar, considerando que, além de desenvolver habilidades cognitivas, é preciso que os alunos sintam-se em condições de aprender. Nessa perspectiva, é necessário conceber o aluno como um ser capaz de buscar alternativas que tornam o processo mais estimulante.

Atualmente, nota-se a ausência de afetividade em algumas práticas pedagógicas, porque a preocupação está pautada no repasse de conteúdos sistematizados, sendo que os alunos nem sempre têm oportunidades de agir como sujeitos pensantes, autônomos, que necessitam de atenção e afeto para desenvolverem uma aprendizagem significativa.

Logo, mais do que saber respostas para as questões apreendidas hoje na sala de aula, o aluno deve ser incentivado a exercitar a produção do próprio pensamento para enfrentar questões que aparecerão no decorrer da sua vida, a fim de se conhecer e descobrir o outro, lembrando-se sempre do respeito, da ética e do amor ao próximo.

Conforme Oliveira (1999), a escola deve considerar o aluno não como espectador do aprendizado, mas como parte ativa do processo de aquisição de conhecimento envolvido nas interações e, conseqüentemente, nas trocas através de sua vivência e experiências ocorridas ao longo de sua história, sendo que as atitudes afetivas são essenciais na interação professor e aluno.

Considera-se que o professor não é somente aquele que educa, mas também aquele que cuida e educa com afeto, promovendo desse modo uma educação ativa e dinâmica no cotidiano da EJA, para facilitar a integração desse aluno com a turma e com ele próprio.

A educação tem como finalidade enriquecer o processo de criatividade. A interação entre educador e educando tem uma relevância tal que pode favorecer [ou não] o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos da EJA. Cabe ao professor intervir na aprendizagem individual dos alunos, promovendo uma motivação pessoal que facilitará a superação de dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

Descrição e análise dos dados da pesquisa de campo

A pesquisa de campo constitui-se de um questionário composto de nove questões: cinco fechadas e quatro abertas. Isso possibilitou uma maior visualização e interação dos entrevistados diante da temática. A

primeira questão proposta no questionário respondido pelos professores procurou visualizar, dentro da temática desenvolvida, o que eles entendem por afetividade na educação. Eles concluíram que a afetividade se dá numa relação que extrapola a mera transmissão de conhecimento, e que gentileza e atenção devem existir em qualquer relação interpessoal. Os professores relataram que a afetividade permite ao professor visualizar a personalidade, a flexibilidade, a potencialidade e a dificuldade de cada aluno no espaço escolar. Ou seja, o domínio afetivo contempla cada aluno com um ensino mais profícuo, dentro de um contexto de diversidades, proporcionando a maneira adequada de inserção no espaço escolar ao acrescentar qualidade na relação professor-aluno, além de tornar o aluno mais receptivo ao novo, facilitando e estimulando a aprendizagem.

Somos, por natureza, afetivos, e qualquer fato que, por ventura, venha influenciar negativamente neste fenômeno psíquico, impede o desenvolvimento do ser humano em todas as áreas, inclusive no processo cognitivo – concluíram os professores. Portanto, pode-se considerar a afetividade como um facilitador e estimulante do aprendizado, sendo extremamente importante para que ocorra diálogo entre professor e aluno.

A segunda questão do questionário contempla o que foi dito acima, ou seja, na relação professor-aluno no ambiente dentro da sala de aula, 70% dos professores relataram ter uma ótima relação com seus alunos; 40%, uma relação afetiva; 20%, uma boa relação e 10% relataram possuir uma conflituosa relação com seus alunos, atribuindo nenhum valor ao conceito regular e ruim. O resultado permite supor um bom desempenho no processo ensino-aprendizagem, pois o aluno, ao almejar o conhecimento, não tem acesso direto ao mesmo; têm um acesso mediado concretizando uma interação interpessoal, na qual a afetividade se insere não só como facilitadora, mas também motivadora e contaminadora do ambiente, tornando-o propício à construção do conhecimento. Fica caracterizada a preponderância da figura do professor em todo o processo educacional.



Figura 1 - Porcentagem de como os professores do PROEJA-FIC visualizam suas relações com seus alunos no âmbito escolar

Na terceira questão, na qual se pretende saber qual o papel do professor na EJA, verificaram-se respostas que contemplam e valorizam ainda mais a afetividade no processo de aprendizagem. 90% atribuíram ao professor o papel de incentivador; 80%, formador; 70%, orientador; 60%, mediador; 50%, construtor e 30%, amigo.

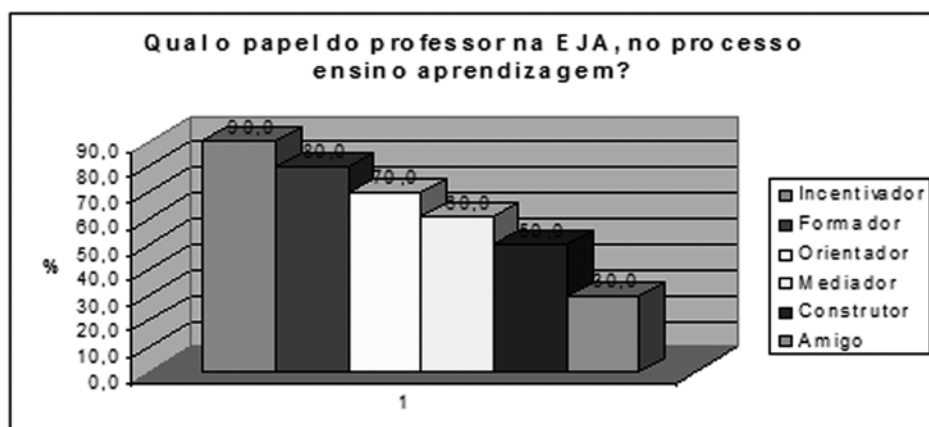


Figura 2 - Porcentagem de como os professores do PROEJA-FIC se colocam frente ao ensino.

Diante do relato exposto na terceira questão, é de se esperar que, ao realizarmos a quarta pergunta, que indaga aos professores qual seria a sua figura no espaço escolar, a resposta fosse condizente com a questão exposta anteriormente, que determina o professor como aquele que tem o papel de incentivador para 90% dos entrevistados, de formador, 90%, de educador, 80%, amigo, 40%, parceiro, 30% e pai, 20%.

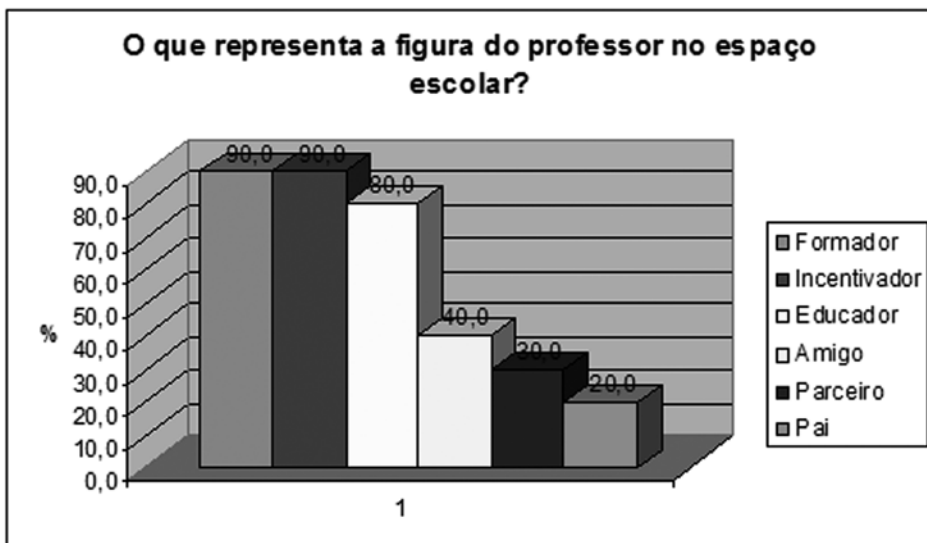


Figura 3 - Porcentagem da representação da imagem do professor no espaço escolar

Já na quinta questão, quando se perguntou se um bom relacionamento entre professor e aluno facilita a aprendizagem, obteve-se um índice de 100%.



Figura 4 - Porcentagem de como uma boa relação professor-aluno facilita a aprendizagem

O trabalho de pesquisa bibliográfica revela a importância do fenômeno psíquico *afetividade* na educação integral do aluno. Sendo assim, a sexta questão refere-se à importância da afetividade nesse processo dentro da concepção dos professores do PROEJA FIC – *campus* Bom Jesus. Eles nos relataram que a afetividade não se reduz a um tratamento diferenciado entre aluno e professor. Ela deve alicerçar todas as relações interpessoais no processo ensino-aprendizagem ao constituir-se em práticas e convivências respeitadas e acolhedoras, jamais paternalistas. Estas percepções tornam-se ainda mais claras quando na sétima questão, ao perguntar que atitude considera importante na sua relação com os alunos, todos os professores foram categóricos ao considerar importantes atitudes democráticas, dialógicas e afetivas.

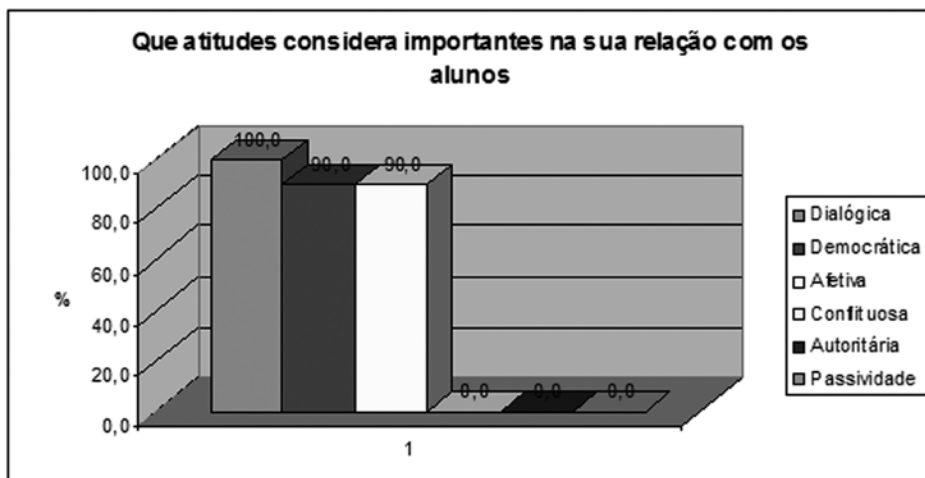


Figura 5 - Porcentagem de atitudes importantes na relação professor-aluno

A oitava questão relata concepções enriquecedoras para o sucesso do processo ensino-aprendizagem expostas pelos professores, na qual foi perguntado a estes de que maneira a afetividade pode contribuir na construção do conhecimento.

A afetividade permite ao aluno sentir-se aceito com limites e possibilidades ao se reconhecer como ser de direitos e deveres. Assim, encontra motivação para buscar superação. Como também, nos relataram que afetividade possibilita uma maior flexibilidade na escolha do conteúdo a ser desenvolvido, criando possibilidades para que o professor possa dela fazer uso para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Ela incentiva a busca de conhecimento, instiga a curiosidade do aluno e é uma ferramenta de facilitação e de construção. Os professores concluíram que o aluno se torna mais receptivo ao novo. Por isso, a afetividade pode desenvolver entre os atores um senso de parceria e não de conflitos. Assim, quando o professor está próximo ao aluno e o conhece, sabe seus interesses, pode perceber melhor sua forma de interagir com o mundo e, dessa forma, o professor pode usar isso para facilitar a aprendizagem, incentivar a busca de conhecimento, instigar a curiosidade discente. Concluindo: uma intensa interação aluno-professor é possível enriquecer os conhecimentos, detectar novos interesses.

Na nona questão, ao se perguntar quais as maneiras possíveis de se utilizar a afetividade na relação professor aluno, a resposta obtida foi: *“Abrir os canais de comunicação”*, *“deixar que os alunos possam se manifestar”*, *“realizar*

um trabalho democrático respeitando o aluno”, “*permitir o diálogo e ser gentil no trato com os mesmos*”, “*porém não deixar de mostrar autoridade*” e “*definir os papéis de cada um*”, principalmente, demonstrando respeito e compreensão, com seriedade, firmeza e objetividade pelo professor em sua dialética. Isto traduz em confiança pelo aluno.

Assim, diante desta descrição feita pelos professores do PROEJA-FIC em relação à afetividade, percebe-se o quanto eles valorizam o fenômeno psíquico na formação integral dos alunos.

Considerações finais

Diante do conteúdo bibliográfico como também da pesquisa de campo realizada com os professores do PROEJA-FIC - *campus* Bom Jesus, constatou-se que afetividade e cognição estão entrelaçadas, de tal modo que uma se faz constituinte da outra. Ambas são indispensáveis na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem. Assim, afetividade e intelectualidade representam atos sociais e que o ser humano é biológico e sociável, um ser então, por natureza, afetivo.

O homem, dotado de movimentos, cognição e afetividade; com características e relações humanísticas, se faz diferente das demais espécies, e a afetividade constituída de elementos que nos possibilita exteriorizar nossos sentimentos de alegria, tristeza e satisfação, permitem ao homem descobrir a si próprio como também conhecer e interagir com todos aqueles que o cercam. Assim, a afetividade pode enriquecer ou agregar valor à relação entre professor e aluno. Por isso, ela deve alicerçar todas as relações interpessoais no processo ensino-aprendizagem, que irá permitir ao aluno sentir-se aceito com limites e possibilidades, fazendo com que ele se sinta motivado a buscar superações e tornar-se mais suscetível ao novo.

A afetividade é essencial no processo de aquisição do conhecimento, pois permite que o professor venha a ter um conhecimento da diversidade que está diante dele. Ao levá-lo a compreender as dificuldades, as potencialidades, como também a personalidade do aluno, concede ao professor possibilidades de interagir no processo de aprendizagem como um todo. Do mesmo modo, um aluno que desenvolve seu lado afetivo está mais receptivo à aquisição de conhecimento e do aprendizado. Nesse sentido, a afetividade contribui para uma formação integral (inteligência, afetividade e sociabilidade) dos discentes.

No PROEJA-FIC, professores devem procurar estudar e desenvolver o fenômeno da afetividade, de modo que o aluno tenha uma educação mais profícua e humanizadora.

Referências

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 2004.

CODO, W.; GAZZOTTI, A. A. Trabalho e afetividade. In: CODO, W. *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes/Brasília CNTE; Brasília: LPT, 1999.

DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky e Wallon: Teoria psicogenética em discussão*. São Paulo: Sumos, 1992.

FREIRE, Paulo. *Conscientização, teoria e prática da libertação*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

NOVA ESCOLA ESPECIAL: a revista de quem ama educa. São Paulo: Ed. Abril S. A., n.19, 130p., jul. 2008.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. São Paulo: Scipione, 1999.

ROSSINE, Maria. *Pedagogia afetiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edição 70, 1992.

